



ENTREVISTA COM A FILÓSOFA KATE KIRKPATRICK SOBRE SIMONE DE BEAUVOIR

REALIZADA POR HECI REGINA CANDIANI¹

RESUMO: O texto consiste em uma entrevista com Kate Kirkpatrick, filósofa britânica e estadunidense, autora da biografia da filósofa francesa Simone de Beauvoir intitulada *Becoming Beauvoir: a Life* (Bloomsbury Academic, 2019), traduzida no Brasil sob o título *Beauvoir: uma vida* (Crítica, 2020). Nesta entrevista, a autora aborda a sua trajetória como pesquisadora do pensamento da filósofa francesa, a independência do pensamento filosófico beauvoiriano em relação a demais nomes do existencialismo francês, os principais aspectos e especificidades da filosofia de Simone de Beauvoir entre outros temas de relevância para reflexões sobre a recepção da filosofia produzida por mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Simone de Beauvoir, Filósofas, Existencialismo, Feminismo, Mulheres.

ABSTRACT: The text consists of an interview with Kate Kirkpatrick, British and American philosopher, author of the biography of French philosopher Simone de Beauvoir called *Becoming Beauvoir: a Life* (Bloomsbury Academic, 2019). In this interview, the author discusses her trajectory as a researcher of the thought of the French philosopher, the independence of Beauvoir's philosophical thought in relation to other names of French existentialism, the main aspects and specificities of Simone de Beauvoir's philosophy, among other topics of relevance for reflections about the reception of the philosophy produced by women.

KEYWORDS: Simone de Beauvoir, Women Philosophers, Existentialism, Feminism, Women.

No final de 2019, uma nova biografia da filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) chegou às mãos de leitoras e leitores de língua inglesa. *Becoming Beauvoir: a Life*, de Kate Kirkpatrick, difere de biografias anteriores em alguns aspectos. Primeiro, porque é baseada em escritos íntimos de Beauvoir e algumas correspondências da filósofa francesa que apenas alguns meses antes da publicação da biografia se tornaram públicas. Segundo, porque a biógrafa, que é também filósofa e atualmente leciona na Regent's Park College, Universidade de Oxford, obteve seu doutorado com uma tese sobre o conceito de “nada” [*le néant*] na obra *O ser e o nada*, do filósofo francês Jean-Paul Sartre, um dos principais parceiros intelectuais de

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e tradutora. E-mail: heci@uol.com.br.

Simone de Beauvoir ao longo de sua vida. Um terceiro motivo que difere *Becoming Beauvoir*, publicada no Brasil em março de 2020 com o título *Beauvoir: uma vida*, pelo selo Crítica, é que se trata de um texto que se entrelaça do começo ao fim à ideia de que em Simone de Beauvoir há a impossibilidade de separar filosofia e existência.

A filósofa Kate Kirkpatrick concedeu a seguinte entrevista por e-mail, publicada agora, com exclusividade.

Pergunta: Você poderia começar nos contando sobre como surgiu seu interesse, como filósofa, na obra e na vida de Simone de Beauvoir e como foi o processo de escrita desta biografia?

Kate Kirkpatrick: Escrevi minha tese de doutorado sobre o conceito de nada [*le néant*] em *O ser e o nada*, de Jean-Paul Sartre. Eu amava a língua e a literatura francesas desde adolescente e pouco antes de começar meu doutorado, aconteceram duas coisas que, em conjunto, me animaram a seguir a trajetória que culminou neste livro: um amigo me deu um exemplar do romance *Les mandarins*, de Simone de Beauvoir, de aniversário; e pouco depois, no mesmo ano, fiz uma apresentação para um exame oral de Francês. Era 2008, centenário de nascimento de Simone de Beauvoir, então decidi fazer minha apresentação sobre a recepção de *O Segundo Sexo* em 1949 e na atualidade. Na época, eu estava mais interessada em Beauvoir como feminista do que como filósofa: eu aceitava grande parte dos estudos acadêmicos sobre Sartre em inglês acriticamente e enxergava Beauvoir como uma fonte histórica útil em vez de uma interlocutora filosófica. Mas minha pesquisa sobre Sartre avançou e continuei a ler Beauvoir. Meu trabalho sobre Sartre trazia o argumento de que a recepção em língua inglesa da grande obra de Sartre o interpretava a partir dos “três Hs” [*les trois Hs*]: Husserl, Hegel e Heidegger em vez de se concentrar nas fontes francesas que formaram a filosofia de Sartre antes da fenomenologia. Quando li os diários de estudante de Beauvoir, relativos aos anos 1920 (antes que ela tivesse conhecido Sartre), percebi que ela leu as mesmas fontes, chegou a conclusões “existencialistas” de forma independente e, apesar das afirmações de algumas feministas de que ela nunca criticou Sartre (pelo comportamento ou pelas ideias dele), encontrei muitos exemplos contrários. Isso levantou minhas suspeitas. O que eu descobri foi que, embora alguns estudiosos e estudiosas de Simone de Beauvoir tenham defendido sua independência por décadas, a imagem pública de Beauvoir ainda continuava problemáticamente mítica: ela era vista como libertina, sexualmente, e não como uma filósofa da liberdade, e a ambiguidade de seu legado, eu pensei, precisava ser investigada.

O processo de pesquisa e escrita não pode ser descrito de forma concisa: muitas horas que de minha pesquisa de doutorado permeiam a biografia e, como é o caso de muitos projetos de escrita, houve dias em que as palavras fluíram com facilidade e outros em que me questionei sobre o sentido de escrever qualquer palavra. No fim, a escrita da biografia levou três anos. Mas há os anos de pesquisa antes desses que, embora difíceis de quantificar, precisam ser levados em consideração.

P: Existem algumas biografias de Simone de Beauvoir, mas a sua é a primeira a abranger estudos mais atuais e algumas fontes que se tornaram públicas recentemente. Você poderia comentar sobre essas fontes, por que são relevantes e como elas contestam tanto a imagem pública que Beauvoir construiu para si e os equívocos em relação ao lugar que ela ocupa no pensamento filosófico e feminista? Quais os elementos mais importantes da vida e da obra de Beauvoir que emergem dessas fontes e estudos?

KK: Bem, há uma forma biográfica e outra filosófica de responder a essas questões. Em termos biográficos, Beauvoir foi clara em suas memórias de que ela não contou toda a verdade sobre sua vida. Mas, apesar dessa advertência, e apesar das restrições das leis francesas sobre a vida privada e de preocupações genuínas com a privacidade de pessoas que foram suas amigas e amantes, quando veio a público que Beauvoir teve relacionamentos a ações que foram omitidos da descrição pública que ela fez de sua vida, ela foi acusada de ser mentirosa e de coisas piores. Desde 1997, surgiram vários conjuntos de cartas, entre Beauvoir e seu amante estadunidense Nelson Algren, entre Beauvoir e Sartre, e entre Beauvoir e dois amantes franceses, Jacques-Laurent Bost e Claude Lanzmann. As cartas para Bost mostram que, nos primeiros dez anos do relacionamento de Beauvoir com Sartre, ele não foi a única pessoa que ela chamou de “necessária” (segundo o famoso pacto de 1929 de serem os amores “necessários” um do outro e de, por outro lado, terem amores “contingentes”). E as cartas para Lanzmann dos anos 1950 mostram que ela era crítica em relação ao seu relacionamento inicial com Sartre devido ao relacionamento deles não ser “recíproco” o que, na visão dela, significava que era antiético. Muitas feministas me perguntaram: “Por que ela não abandonou Sartre?” Mas, em mais de um sentido, ela o abandonou! Ela recusou a proposta de casamento dele e nunca quis morar com ele. Mas ela não o eliminou de sua vida completamente, porque ela achava que a amizade entre eles era importante demais para ser desprezada: ela o amou, mas muitos leitores e leitoras do século XX parecem trabalhar com a suposição implícita ou explícita de que o amor entre homens e mulheres precisa ser erótico.

Filosoficamente, em 2008, os diários de estudante de Beauvoir foram publicados em francês. Eles foram muito importantes para o desenvolvimento de meu retrato de Beauvoir pois nos mostram sua mente como filósofa em formação: o modo como ela aprecia a dúvida, as discussões que faz de conceitos que parecem “sartreanos” porque se tornaram famosos sob o nome dele, mas que, na verdade, Beauvoir encontrou primeiro nos trabalhos de Blondel, Nietzsche ou Spinoza. Os diários também mostram que antes de conhecer Sartre, Beauvoir estava interessada em viver o que ela chamava de “uma vida de liberdade”.

P: Por décadas, tem sido impossível estudar Beauvoir sem se referir a Sartre e a própria Beauvoir disse uma vez que ela nunca se tornaria quem foi sem ele. Beauvoir tem sido descrita como a mais inteligente discípula de Sartre e a que melhor aplicou as ideias dele. A biografia que você escreveu contesta essa concepção e mostra que Beauvoir minimizou sua independência como filósofa e o papel que ela teve em moldar a imagem pública de Sartre como intelectual. Quais seriam os motivos dela para fazer isso?

KK: Parte dos motivos pelos quais meu livro contesta essa concepção é que nem sempre foi Beauvoir que minimizou sua independência: os tradutores de Beauvoir (para o inglês, não posso falar sobre outros idiomas) muitas vezes fizeram escolhas tradutórias que fizeram com que sua obra parecesse decididamente menos assertiva e filosoficamente menos precisa.

Beauvoir de fato cita Sartre em seus textos filosóficos, e algumas vezes o cita concordando com ele. Mas ela discordou profundamente dele e mudou o modo como ele pensava o conceito de liberdade nos anos 1940. Beauvoir também cita Merleau-Ponty, a quem conheceu antes de Sartre e cujos trabalhos ela também influenciou. Mas não vemos o mesmo alvoroço das feministas em relação a essa amizade filosófica, o que me faz pensar: por quê?

Há outra dinâmica em ação na “escrita da vida”² de Beauvoir. Dado que ela afirmou que suas *Memórias de uma moça bem-comportada* foi uma obra que aplicou a teoria de *O Segundo Sexo* sem o jargão técnico da filosofia e da psicanálise e dados os compromissos políticos de Beauvoir quando ela escreveu este e outros volumes de suas memórias, para mim, parece razoável que um dos propósitos da “escrita de vida” de Beauvoir era ajudar outras mulheres a compreenderem melhor a situação em que viviam ao refletir sobre a situação da própria Beauvoir. Não é difícil ler passagens de *A força da idade* como exemplos sobre os tipos de má-fé que Beauvoir descreve em *O Segundo Sexo* e um deles é “a mulher apaixonada”. Algumas pessoas até sustentam que Beauvoir escreveu sobre si mesma como “a mulher apaixonada” por

² Kate Kirkpatrick usa a expressão *life-writing* que, em inglês, é uma expressão que vai além da ideia de escrita biográfica e inclui registros, memórias, cartas, cuja importância não é apenas literária ou histórica, mas que suscitam análises importantes para a filosofia, as artes em geral, a psicologia e a sociologia.

Sartre: mas isso não significa que ela era essa mulher. Ela sabia que a história deles era interessante; é possível que ela tenha escrito a história como a escreveu porque ela esperava contá-la de tal maneira que fosse libertadora para suas leitoras. O interessante é que, ao ver como sua própria descrição desse relacionamento foi mitificada, Beauvoir retornou a ela em uma fase tardia de sua vida, porque ela quis corrigir alguns mal-entendidos.

P: Outro ponto importante de seu livro é que você explora as diferenças entre as ideias de Beauvoir e de Sartre. Há estudiosas e estudiosos que dizem que as ideias de Sartre não são tão influentes, no que se convencionou chamar de ocidente, quanto as de Beauvoir. Você considera correto, hoje, considerar que o legado de Beauvoir é mais influente?

KK: Essa é uma questão que considero difícil de responder porque (1) não tenho certeza de qual critério usar para medir a “influência” ou o “legado” de um filósofo ou uma filósofa e (2) o legado de Sartre é extenso e, em alguns terrenos, na minha visão, merecido (tenho em mente, particularmente, seu legado para o existencialismo africano, a teologia negra e outras filosofias ou teologias da libertação no século XX). Dito isto, não tenho dúvida de que a filosofia de Beauvoir continua a repercutir na vida das pessoas — na verdade, uma das coisas que me surpreenderam na recepção de *Becoming Beauvoir* é exatamente como o que ela diz ressoa em muitas mulheres pelo mundo, apesar das alegações de que *O Segundo Sexo* é antiquado.

P: Uma das contradições sobre Beauvoir é que ela, como intelectual burguesa e existencialista, teve um espaço privilegiado para expor seus textos e suas ideias. Ela teve a possibilidade de publicar livros, ensaios, artigos e era frequentemente entrevistada. Ao mesmo tempo, pesquisadores e pesquisadoras que se dedicam à sua obra e vida consideram que ela foi constante e sistematicamente silenciada como intelectual. Você concorda com essa ideia e como esse silenciamento influenciou o “tornar-se” Beauvoir?

KK: Não creio que seja justo dizer que ela foi “constante e sistematicamente” silenciada, do meu ponto de vista. Se o ensaio “Pirro e Cinéas”, de 1944, tivesse sido traduzido antes de 2004, então, mais leitores e leitoras do inglês poderiam ter percebido que ela foi uma filósofa que discordou de Sartre em relação à liberdade. Mas ela não foi traduzida e esses leitores e leitoras não liam em francês. No contexto da recepção de Beauvoir em seu próprio país, ela foi levada a sério por muitos filósofos contemporâneos a ela nos anos 1940, incluindo Jean Wahl, Albert Camus, Maurice Merleau-Ponty e Sartre (entre outros) no que se refere a alguns temas, Mas as coisas mudaram dramaticamente depois da publicação de *O Segundo Sexo*, e então o problema era que o discurso dela foi punido de formas intimidadoras (formas que podem desencorajar mulheres mais tímidas a falarem) ou distorcido para visões que são muito menos defensáveis

do que as visões que ela realmente advogava. De *O Segundo Sexo* em diante, alguns dos livros dela foram classificados como chatos ou irrelevantes, pois eram sobre mulheres. Ao longo do tempo, ela se conscientizou cada vez mais sobre como o que disse foi menosprezado e marginalizado. E também ao longo do tempo, ela falou cada vez mais abertamente sobre a hipocrisia da sociedade em que vivia. Mas ela teve muito poder intelectual para fazer isso, por isso hesito em dizer que ela foi “silenciada”.

P: O título de seu livro é uma referência direta à famosa citação “Não se nasce mulher, torna-se”, que abre um dos capítulos de *O Segundo Sexo* e tem sido exaustivamente repetida. Por que você escolheu essa referência e como a biografia nos ajuda a reinterpretar esta frase?

KK: Esta famosa citação é um grande exemplo de uma técnica literária que Beauvoir empregou com frequência: a antífrase. Ela tomava uma frase famosa da literatura ou da filosofia, com a qual ela supunha que suas leitoras e seus leitores franceses estariam familiarizados e, então, a alterava levemente para criar um significado novo e inesperado. Nesse caso, a frase é de Alfred Fouillée, um filósofo francês do fim do século XIX que refletiu sobre o problema da liberdade e do determinismo. Ele alegava que “não se nasce livre, mas torna-se”. Leitoras e leitores versados nos debates sobre a liberdade na filosofia francesa podem reconhecer nisso uma discordância direta com Rousseau, que “nascemos livres, mas por toda parte estamos acorrentados” devido aos hábitos sociais. Ao situar sua discussão da experiência vivida das mulheres neste debate, Beauvoir defendeu sua alegação de que as mulheres não eram encorajadas a “se tornarem livres” da mesma maneira que os homens eram, porque desde a infância elas eram encorajadas a se submeter a seus “destinos” como pessoas cuja vocação era amar: como mães, esposas e amantes, e não como indivíduos independentes que tinham projetos próprios a realizar. Beauvoir era uma particularista que acreditava que se tornar um ser ético significa aprender a valorizar sua própria liberdade e a liberdade dos outros. Mas ela pensava que “o estado presente da educação e dos costumes” dificultava que as mulheres fizessem isso porque as encorajava a aceitar sua própria falta de liberdade como “natural” e as levava a se sentirem divididas entre seu desejo de liberdade e seu desejo de aprovação através da submissão aos mitos da feminilidade. Para Beauvoir, a questão está em *tornar-se* em vez de existir como ser separado, dividido entre uma visão de sua própria vida e tentar se conformar às visões dos outros.

P: Desde os anos 1950, o feminismo e as feministas têm um relacionamento muito tenso com Beauvoir. Ela é considerada a “mãe” do feminismo contemporâneo, mas, ao mesmo tempo, uma feminista branca, europeia, burguesa, que não enfrentou muitos dos problemas que as

feministas enfrentam hoje. Ela é considerada visionária, mas também ultrapassada. Foi criticada e idealizada, e é frequentemente citada, mas raramente lida. Como você acha que o livro pode ajudar a colocar essas ambiguidades em perspectiva?

KK: Acho lamentável quando feministas olham para as gerações anteriores com um olhar de condenação superficial, julgando-as por não terem uma presciência perfeita ou por terem um ponto de vista limitado em vez de tentar cultivar a hermenêutica da caridade, que busca o que é admirável e que vale a pena ser retido de suas obras. Há muitos clichês sobre Beauvoir que são falsos, e é verdade que muitas feministas a citaram sem tê-la lido: este é um grande problema e espero que meu livro ofereça alguma perspectiva, especialmente no que diz respeito às raízes filosóficas de *O Segundo Sexo* em sua obra anterior.

Quanto ao privilégio de Beauvoir: ela foi corajosa o suficiente para usá-lo para desafiar o império francês e a inexistência de acesso legal à contracepção, ao aborto e ao divórcio para as mulheres. O apartamento dela sofreu um atentado a bomba e ela teve de se esconder em vários lugares porque ela adotou uma postura a favor do que ela acreditava ser o correto. Acho isso admirável, em parte por um dos pontos que ela mesma apresentou: que a possibilidade de fracasso é inerente à ação. Muitas pessoas se satisfazem em criticar as imperfeições de figuras conhecidas da história ou da sociedade contemporânea, enquanto fazem pouco ou nada para mudar as situações em que pessoas menos privilegiadas se encontram. Beauvoir pensava que, porque toda ação envolve a possibilidade de fracasso, muitas pessoas preferem simplesmente não agir, porque a perspectiva de erro é assustadora. Mas a perspectiva de não fazer nada era algo que a consciência de Beauvoir não lhe permitia.

As feministas de hoje não conhecem os critérios pelos quais serão julgadas pela próxima geração: elas também podem ser acusadas de serem misóginas obtusas ou uma perda de tempo fora de moda, apesar de seus maiores esforços. Por isso, não fico particularmente preocupada com a ambivalência que Beauvoir inspira: feministas discordaram no passado, discordam no presente e vão discordar no futuro. Estou mais interessada em provocar as leitoras a pensarem que tipo de feministas querem ser agora.

P: O trabalho de uma biógrafa parece ser esclarecer fatos e circunstâncias que ficaram obscuros na história de uma vida. Um dos pontos que você esclarece é que Beauvoir era uma filósofa, ainda que ela tenha rejeitado isso durante a vida. Por que você acha que ela rejeitou o “título” de filósofa e por que é tão importante para o feminismo e a filosofia reconhecê-la como filósofa?

KK: Ela rejeitou isso em um ou dois momentos aos quais muitas pessoas anglófonas se aferraram. Mas é muito importante enfatizar que ela não rejeitou isso o tempo todo: lendo *A força das coisas* de forma mais ampla ou assistindo a documentários franceses nos quais ela é listada como “nossa primeira filósofa” deixa pouca dúvida, para mim, de que ela estava confortável em ser arrolada como filósofa em alguns contextos. Acho que o ensaio dela de 1946, “Literatura e metafísica”, ajuda a compreender o que ela queria dizer ao se distanciar do tipo de filosofia que Sartre fazia. Nesse texto, ela fez uma distinção entre filósofos e filósofas dos sistemas e filósofos e filósofas da subjetividade. Ela não estava interessada em ser do primeiro tipo (uma vez, ela afirmou que os sistemas filosóficos correspondiam a um “delírio orquestrado”). Mas ela estava, com muita certeza, interessada no segundo tipo, nos filósofos e filósofas da subjetividade. E o fato de que ela formulou essa distinção mostra que ela estava interessada em questões metafísicas: para que serve a filosofia, que tipos de questões podemos esperar que ela responda e se existem certas questões que podem ser melhor colocadas em forma literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 (volume único). (Original: *Le deuxième sexe* I et II. Paris: Gallimard, 1949.)
- _____. *Os mandarins*. Tradução de Hélio de Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006 (volume único). (Original: *Les mandarins* I e II. Paris: Gallimard, 1954.)
- _____. *Memórias de uma moça bem-comportada*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. (Original: *Mémoires d'une jeune fille rangée*. Paris: Gallimard, 1958.)
- _____. *A força da idade*. Tradução de Sérgio Milliet Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. (Original: *La force de l'âge*. Paris : Gallimard, 1960.)
- _____. *A força das coisas*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010 (volume único). (Original: *La force des choses* I e II Paris: Gallimard, 1963)
- _____. *Literatura e Metafísica*. In: *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Tradução de Bruno da Ponte e Manuel de Lima. Lisboa: Editorial Minotauro, 1965. (Original: *Littérature et Métaphysique. Les Temps Modernes*, v. 7, Paris, avril, 1946.)
- KIRKPATRICK, K. *Beauvoir: uma vida*. Rio de Janeiro: Crítica, 2020. (Original: *Becoming Beauvoir: a Life*. London: Bloomsbury Academic, 2019.)